

FATORES SÓCIODEMOGRÁFICOS DO ENVELHECIMENTO E AS UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE

Vânia Maria Henrique Lima¹

RESUMO

Ao longo de décadas, a tendência observada de aumento da expectativa de vida e de diminuição da natalidade têm chamado a atenção dos pesquisadores que estudam a evolução do comportamento demográfico entre os países do mundo. O presente artigo foi realizado a partir da revisão de literatura que procura trazer à tona elementos referenciais que discutem a idade adulta avançada no contexto da sociedade brasileira e a importância da educação/formação das pessoas ao longo da vida, traçando uma perspectiva sobre o contributo dado pelas Universidades da Terceira Idade na promoção da qualidade de vida. Conclui-se que a (re)formulação de políticas públicas destinadas ao idoso, trazendo junto uma atualização da legislação vigente, são urgentes e absolutamente indispensáveis, justamente levando em consideração que, em grande medida, os idosos constituem um segmento ainda carente de programas específicos e abrangentes o suficiente para um melhor e crescente resguardo da sociedade.

Palavras-chave: Envelhecimento, Universidades, Terceira Idade, Políticas Públicas.

INTRODUÇÃO

Ao longo de décadas, notadamente desde o século passado, a tendência observada de aumento da expectativa de vida e de diminuição da natalidade têm chamado a atenção dos pesquisadores que estudam a evolução do comportamento demográfico entre os países do mundo. É visível que nos países em vias de desenvolvimento, o aumento expressivo da população idosa coloca a exigência de intervenções públicas mais significativas e direcionadas, pois são grandes os desafios provocados por mudanças na longevidade da população, implicado em uma agenda que impõe a necessidade de ajustes e mudanças na legislação e na formulação de políticas públicas dirigidas para esse segmento com cada vez mais expressividade e com demandas que lhe são peculiares.

Contudo, a terceira idade ainda suscita um entendimento associado à fragilidade física, atribuindo à velhice alguns estereótipos negativos que remetem a tratamentos como decadência física, incapazes, dependentes físicos e economicamente, senilidade, improdutividade e ausência de papéis sociais, assumidos como características inerentes à velhice, inclusive por pessoas que atingiram essa faixa etária. Assim, frequentemente, enfrentam dificuldades advindas de um processo de envelhecimento que sobrevém de forma inadequada, tornando essa etapa da vida mais difícil, muitas vezes, convivendo com o medo

¹ Mestra em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária da Universidade de Coimbra -UC. vhenriquelim2016@gmail.com

de perderem a autonomia, também lidando com os temores da certeza da finitude, nesta fase em que a morte parece mais próxima.

No caso particular do Brasil, as dificuldades enfrentadas pelo segmento de pessoas envelhecidas, hoje presentes em todos os setores da estrutura social brasileira, claramente estão acarretando uma série de consequências sociais, culturais, econômicas, políticas e epidemiológicas, para as quais o país ainda não se mostra devidamente preparado. Na realidade, as políticas sociais brasileiras precisam dispor de mais abrangência e oferecer tratamentos igualitários aos idosos a fim de atenderem à demanda dos problemas relacionados com a exclusão, a vulnerabilidade, a pobreza e o desemprego de cidadãos de todas as idades (NERI, 2014).

ENVELHECIMENTO DEMOGRÁFICO

Até duas, três décadas atrás, o Brasil era tido como um país de jovens, motivo pelo qual era habitual se dizer e repetir “o futuro está em suas mãos”. Na última década, entretanto, ganha maior nitidez a constituição de outra realidade demográfica, ocorrendo isso em tal proporção que inverteu o que configurava a situação anterior, enfim o país deixa de ser predominantemente de jovens.

Em razão da conjugação positiva de fatores relacionados à melhoria das condições socioeconômicas e de progressos no campo da saúde pública, notadamente, houve um aumento da expectativa de vida da população brasileira, de modo que esta vem atingindo faixas etárias cada vez mais elevadas.

Nas décadas de 40, 50 e 60 do século passado, as características demográficas observadas indicavam uma população bastante jovem, isso se devia a ocorrência de altas taxas de fertilidade e ao decréscimo das taxas de mortalidade em função de um maior e crescente controle de doenças que costumavam ser fatais durante a infância e adolescência. A partir das políticas de saúde pública adotadas, verificou-se que o Brasil teve uma primeira fase acentuada de transição demográfica, vindo a mesma associada à diminuição das taxas de mortalidade. Em apenas 20 anos, entre as décadas de 1940 e 1960, o país reduziu pela metade a sua taxa bruta de mortalidade.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016, s.p.), a expectativa média de vida ao nascer exibiu um indicador de 45,5 anos, em 1940, sendo de 42,9 anos, se do sexo masculino, e de 48,3 anos no caso do sexo feminino. Desde então, no

decorrer das décadas, deu-se um salto extraordinário até alcançar 73,4 anos, em 2010, devendo chegar a 84,3 anos em 2100.

Também nas décadas mais recentes, apontam as estatísticas veiculadas pelo Banco Mundial, tomando dados da Organização Mundial da Saúde [OMS], houve aumento expressivo em relação à expectativa de vida por ocasião do nascimento, de modo tal que, em 28 anos, de 1980 a 2008, ocorreu um aumento de 10 anos desse indicador, que evoluiu de 62,7 para 72,8 anos. Adotando como base o ano de 2016, as estimativas realizadas apontam que para o ano de 2030, portanto passados mais 14 anos, os idosos serão 41,5 milhões, 18% do total da população. Para 2050, as estimativas previstas demarcam uma participação de 29,3% de idosos, o equivalente a 66,5 milhões de pessoas (LEAL, 2016).

Como visto, essa mudança vem ocorrendo em ritmo acelerado na estrutura populacional brasileira, configurando um crescimento exponencial da população de 60 anos ou mais de idade. De fato, o ritmo do envelhecimento populacional no Brasil se apresenta significativamente maior do que o ocorrido em sociedades mais avançadas durante o século passado. Quando comparado à França, por exemplo, este país levou 145 anos para duplicar a proporção de idosos em sua população, passando do equivalente a 10%, em 1850, para chegar a 20%, em 1995.

No que se refere à longevidade, pode-se identificar que houve um “aumento da esperança de vida para ambos os sexos, passando de 70,5 anos em 2000 para 73,2 em 2009. No mesmo período, os homens passaram de 66,7 anos para 69,4 anos, enquanto as mulheres avançaram de 74,4 anos para 77 anos. A diferença de cerca de 7,5 anos se manteve na última década, favorecendo as mulheres” (Alves; Cavenaghi, 2013).

Existe uma preocupação em relação a esse descompasso, uma vez que o mesmo tendo continuidade a sociedade brasileira passará por um grande desequilíbrio demográfico futuro. Para alguns estudiosos esse desequilíbrio já vem acontecendo, é o que se denomina de “Pirâmide da Solidão”, sendo que no caso específico a quantidade de mulheres sozinhas será maior do que a dos homens com o passar dos anos.

Assim sendo, é preciso que se tomem medidas destinadas a reverter esse quadro atual de tendência ao desequilíbrio demográfico do país, de imediato concebendo a formulação de políticas públicas que atendam à transformação do modelo educacional brasileiro, no sentido de estimular o desenvolvimento de uma cultura de paz na sociedade, na origem envolvendo crianças e adolescente, de modo a provocar, em médio prazo, mudanças na postura da

juventude com desestímulo a comportamentos agressivos, tendo em conta que esse segmento é o mais atingido pela escalada de morte por homicídio.

ENVELHECIMENTO E VELHICE

Ao longo da história, o Homem sempre tem se mantido disposto a entender para reverter o processo de envelhecimento. Os alquimistas se mostravam interessados na descoberta de fórmulas mágicas que propiciassem o rejuvenescimento, uma ansiedade que sempre tem acompanhado a trajetória de desenvolvimento das sociedades. O “*elixir da vida*”, o desejo da eterna juventude, se renova e permanece até nossos dias, constituindo-se em um dos principais temas de interesse científico, social e econômico.

No entanto, a realidade se nos apresenta de forma intransigente, visto que o envelhecimento é, de fato, um processo complexo que se impõe de modo natural, irreversível, progressivo e inevitável, submetendo todos os seres humanos e sendo caracterizado por um conjunto de fatores fisiológicos, psicológicos e sociais.

O envelhecimento é um processo que se apresenta como inseparável da condição humana e acontece desde o nascimento. De outro lado, a velhice é o estado do indivíduo em idade avançada sobre o qual incidiu o processo de envelhecer. Messy (1999) coloca bem essa distinção entre velhice e envelhecimento.

Se o envelhecimento é o tempo da idade que avança, a velhice é o da idade avançada, entenda-se, em direção a morte. No discurso atual, a palavra envelhecimento é quase sempre usada num sentido restritivo e em lugar da velhice. A sinonímia dessas palavras denuncia a denegação de um processo irreversível que diz respeito a todos nós, do recém-nascido ao ancião. (p.23)

O envelhecimento é caracterizado como um processo natural, mas também é complexo e universal, que depende de vários fatores como: hereditariedade, estatuto econômico (a renda, o trabalho e a proteção social), a pertença ou não a países industrializados, localização geográfica além de aspectos culturais, etc. (LIMA, 2002).

A rigor há fatores que podem interferir diretamente no envelhecimento, como o estilo de vida cultivado que pode desenvolver no indivíduo uma postura ativa. Por outro lado, há perdas e limitações que podem advir com o envelhecimento, mas este é também visto como uma fase de maior maturidade e experiência de vida. Assim, as experiências e os saberes acrescidos ao longo dos anos, podem ser vistos e cogitados como proveitosos, sem dúvida devendo ser otimizados em favor do próprio indivíduo, de tal maneira que o processo de

envelhecimento deverá ser assimilado e reconhecido pelos ganhos e não somente pelas perdas.

MITOS E ESTEREÓTIPOS EM RELAÇÃO À VELHICE

As pessoas não envelhecem a um mesmo ritmo, mas cabe a pergunta: Por que as pessoas de um modo geral têm tanto medo de envelhecer? Segundo Morillo (2017), as pessoas costumam associar a pessoa “velha” ao imaginário construído desde cedo pelos contos de fada, nos quais a “velha” é comparada a uma bruxa. Quem é a bruxa? Uma velha... queixo grande... nariz comprido...com mão de artrose. Então a figura da bruxa é a figura da velha. “A sociedade não gosta fisicamente da velhice, a velhice é mais próxima da morte.”

Muito frequentemente as imagens da velhice estão relacionadas unicamente às mudanças físicas externas, expondo o envelhecimento apenas como um período de perdas e limitações, justamente pelo fato de no envelhecimento patológico os aspectos negativos tenderem a surgir.

No entanto, existem preconceitos positivos como: “Todos os idosos são sábios e experientes”, neste caso cria-se uma falsa expectativa que pode muito bem gerar frustrações. Na realidade, em geral, a imagem do idoso nas sociedades modernas é marcada pela decadência física e a ausência de papéis.

A discriminação estereotipada, assumida em função da idade, foi originalmente definida por Butler, em 1969, como “*Ageism*” (Idadismo) com o significado de discriminação com base na idade. Esse conceito foi apresentado por Butler durante a realização da 1ª Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, organizada no ano de 1982, em Viena, referindo-se aos estereótipos e às atitudes negativas a respeito do envelhecimento e dos idosos. Ao identificar os estereótipos, entende-se que a sociedade vê a velhice como uma doença incurável, uma decadência inevitável, desse modo termina associando a velhice a doenças, havendo crenças baseadas em processos de supergeneralização e supersimplificação que conduzem a preconceitos e a estereótipos. O processo de envelhecimento, na medida em que está sendo assimilado como etapa importante no desenvolvimento das pessoas, como conquista irreversível das sociedades contemporâneas, vem provocando a superação de paradigmas arraigados em preconceitos, abrindo espaço para a queda de estereótipos comuns que desvalorizavam as pessoas idosas.

Contudo, a desinformação das pessoas sobre os fatos inerentes à velhice evita a mudança de atitudes, de comportamentos enaltecendo determinadas crenças que tendem a relegar a pessoa idosa à margem da sociedade. Crenças e preconceitos socialmente prejudiciais por impedirem, muitas vezes, o aproveitamento das potencialidades dos idosos, de forma a aproveitá-las para que sejam úteis ao bem comum.

Ainda é visível que na sociedade brasileira se fortalece através da mídia o culto da juventude. Com o aumento da longevidade, os indivíduos estão envelhecendo, mas ao mesmo tempo eles não querem ficar velhos, envelhecer distancia o Homem do ideal concebido.

APRENDENDO NA TERCEIRA IDADE

As evidências são de que o interesse da pessoa idosa pela aprendizagem remete a uma postura estimuladora do prolongamento de uma mente ativa, capaz de resguardar seu papel interativo no ambiente social no qual convive, isso em dimensão suficiente para preservar a sua autonomia, a participação nas dinâmicas de uma sociedade em transformação, mantendo o necessário exercício da cidadania.

A aprendizagem é um processo pessoal de caráter vivencial, sendo a pessoa o centro enquanto ser que pensa, sente e vive. Mas o que leva uma pessoa idosa a se dispor a voltar aos estudos? Provavelmente, já não é mais para competir no mercado de trabalho.

Por suposto, o interesse da pessoa idosa na retomada da aprendizagem está associado em buscar manter a mente aberta ao novo, em ocupar bem o tempo disponível para ter uma melhor qualidade de vida, especialmente visando conservar o componente cognitivo sempre ativo para que possa ter independência e autonomia. Estes são atributos imediatos das Universidades da Terceira Idade, objetivando evitar o isolamento e promover a integração dos idosos com as gerações mais novas, favorecendo a troca de saberes que elevem sua autoestima, ao lado de um melhor relacionamento com as pessoas pertencentes à mesma faixa de idade, incorporando e ampliando conhecimentos como forma de desenvolver habilidades e encontrar prazer em viver.

A educação na Terceira Idade teve sua origem na tentativa de alfabetizar pequenos grupos que não tiveram a oportunidade de aprender a ler e escrever. Atualmente, a educação para a Terceira Idade tem um matiz muito diferente, como regra não se investe na alfabetização, senão no ensino de conhecimentos especializados dados por professores universitários.

Vários são os motivos dos idosos desejarem voltar a estudar, por certo a obtenção de um certificado não será o principal interesse, mas sim conhecer novas pessoas com outras perspectivas de vida e outras formas de encarar situações, fugir da solidão e do abandono dos familiares que trabalham fora de casa, praticar atividades físicas para afastar algumas doenças por causa da imobilidade, tudo isto com um firme propósito: começar a ter uma vida ativa e participativa, podendo ser útil e importante para outras pessoas e não somente no âmbito do seu núcleo familiar.

O inexorável aumento da utilização da internet para cobrir todas as finalidades econômicas e relações sociais, ao lado do crescimento do número de pessoas idosas em todos os países, são fenômenos da contemporaneidade. O uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação [TIC], (e.g. computador, *notebook*, telefone celular, *smartphone*, *tablet*), desde o final do século XX e início do século XXI se tornou uma constante em quase todas as sociedades, contudo muitas pessoas da terceira idade ainda rejeitam o uso da tecnologia por se acharem incapazes de aprender, enfim, sentem receio, têm medo e criam certa resistência em aprender a usar a informática, por acreditarem que vão manusear o computador erroneamente ou que venham a danificá-lo.

De fato, muitos idosos estão excluídos da era digital, diante das gerações mais novas familiarizadas com o uso da internet, assim os idosos necessariamente precisam passar por um processo de adaptação às novas tecnologias.

Contudo, pouco a pouco, o acesso aos recursos proporcionados pelas tecnologias digitais começa a fazer parte do dia a dia das pessoas da terceira idade, visto que muitos serviços estão disponíveis somente por meio da internet. Dessa forma, os idosos que ainda não fazem uso dessas tecnologias, terminam excluídos de importantes serviços.

A exigência está definitivamente posta, tendo em conta que o acesso à internet não se dá apenas para a pesquisa, mas para fazer amizades, compras virtuais, trocar informações, pagamento de contas, além de disponibilizar serviços sem a necessidade de sair de casa, o que facilita a vida do idoso e possibilita uma maior interação sua com o mundo. Além de inevitável, “o uso das tecnologias pode fazer com que idosos trabalhem melhor a região da memória e tomada de decisões, além de ser uma importante aliada para que o idoso não perca a capacidade de raciocínio”. (BRITO, 2017)

Entretanto, o uso da moderna tecnologia digital tem implicações não unicamente de ordem positiva, mas também negativa se inapropriadamente usada. O aspecto tido como

positivo é por favorecer a ativação da memória e estimular o poder de concentração na terceira idade. O lado negativo está ligado a situações de uso excessivo do computador, comportamento este que dá origem a doenças que atingem músculos, tendões e nervos dos membros superiores: dedos, mãos, punhos, antebraços, braços, ombros e pescoço, as denominamos Lesões por Esforços Repetitivos [L.E.R.]².

O interesse dos idosos pela aprendizagem no uso da informática tem se tornado cada vez mais comum, algo que favorece a integração dos mesmos na moderna sociedade, com a preservação de seus papéis. Mesmo assim, a Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio Contínua [PNAD Contínua] - (IBGE, 2018), no tocante aos idosos (60 anos ou mais), aponta que somente 24,7% acessaram a internet. Esse comportamento foi observado tanto entre os homens como entre as mulheres, sendo que a parcela feminina que acessa a internet superou a masculina em todas as faixas etárias, exceto entre os idosos.

CONTRIBUTO DAS UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE

Os programas das Universidades da Terceira Idade, certamente têm como antecedentes históricos as pioneiras experiências e modelos idealizados na França, particularmente nas cidades de Toulouse, em 1973, e em Lyon, no ano de 1975. Vale também aqui mencionar que, no decorrer da década de 70, relativamente à criação de oportunidades educacionais para pessoas idosas, França e Estados Unidos foram os primeiros países que trataram dessa questão, o que guarda coincidência com a intensificação verificada em seus estágios demográficos de envelhecimento populacional.

Na cidade de Toulouse, na França, na década de 1960, surge a primeira iniciativa visando à criação de uma Universidade da Terceira Idade, cumprindo a finalidade de ocupar o tempo livre das pessoas aposentadas, buscando tirar os idosos do isolamento. Diante do clima político de reconstrução da França, em meio ao quadro de dificuldades do Pós II Guerra Mundial, parte da sua população idosa ficou submetida a condições de desassistência, de quase indigência social, situação essa que, em 1962, respondeu pelo empenho em torno da organização de ações direcionadas à integração da velhice na sociedade, mediante a adoção de reformas político-administrativas que contemplavam a cobertura apropriada e o atendimento digno das pessoas idosas.

² L.E.R. Lesão causada pelo desempenho de atividade repetitiva e contínua, como tocar piano, dirigir caminhões, fazer crochê, digitação etc.

Nesse contexto, foi criado um novo vocabulário para designar de forma respeitosa a representação dos jovens aposentados, surge então o termo *Terceira Idade*, que passa a ser sinônimo de envelhecimento ativo. Em 1968, foram criadas as então denominadas Universidades do Tempo Livre, que em geral se dedicavam a oferecer apoio à saúde, ao lado de ações de alfabetização dessa população idosa, principalmente buscando modificar sua imagem perante a sociedade.

Em 1973, pelas mãos do professor Pierre Vellas, destacado estudioso de direito internacional da Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, norteador, em suas andanças pelo mundo, por experiências e desafios na promoção de direitos humanos, se deu a criação da Universidade da Terceira Idade “*Université Du Troisième Âge*” [U3A], em parceria com colegas e orientandos de pós-graduação. Em poucas décadas, com efeito, a Universidade da Terceira Idade iria se estabelecer em todo o mundo civilizado.

Pierre Vellas considerou que as oportunidades oferecidas aos idosos eram quase inexistentes, chegando à conclusão de que muitos dos processos patológicos tinham como origem o problema da exclusão social. A partir disso, concluiu que a universidade deveria se abrir a todos os idosos, oferecendo programas intelectuais e artísticos, de lazer e atividades físicas, de forma a tirar os idosos da situação de isolamento e modificar sua imagem diante da sociedade.

Foram os seguintes os objetivos³ propostos pela universidade:

- 1- Contribuir para elevar o nível de saúde física, mental e social e a qualidade de vida dos idosos, por meio de treinamento físico, ativação mental, abertura à sociedade, relações sociais, conhecimento das próprias raízes, criatividade artística e ajuda aos outros.
- 2- Proporcionar um programa educativo permanente para os idosos, em estreita relação com os outros grupos etários. Isso inclui música, arte, folclore, poesia e teatro, bem como assuntos acadêmicos.
- 3- Iniciar pesquisas sobre as questões de idade.
- 4- Criar programas de educação em gerontologia para tomadores de decisão presentes e futuras, incluindo Programas Comunitários de Informação para promover a conscientização sobre questões de idade na sociedade.

A princípio, chegou a pensar que não teria sucesso, mas depois de passados alguns anos existiam cerca de vinte universidades da Terceira Idade na França. A experiência

³ Retirado do site: worldu3a.org/worldpapers/vellas-uk.htm, tradução da autora.

avançou rapidamente para outros países europeus, de tal modo que no início da década de 80 essas universidades já se encontravam presentes na Suíça, Bélgica, Espanha, Itália, Polônia, além terem sido criadas nos Estados Unidos e Canadá.

De maneira especial, a educação para a terceira idade está compreendida no conceito de aprendizagem ao longo da vida, estando mais empenhada em proporcionar para a população idosa uma interação no ambiente social em que vive, onde a troca de experiências é uma mais valia para que se sinta valorizada. Objetivando promover a saúde, o bem-estar psicológico e social, o conceito de educação permanente tem sido defendido desde os anos 60 e 70, havendo uma ênfase na necessidade de ampliação de oportunidades educativas, no sentido de que a educação se prolongue por toda a vida. De todo modo, Canário (2008) faz a seguinte ponderação sobre essa questão ao afirmar:

A Educação de Adultos, tal como é hoje conhecida, é um fenômeno recente, mas não constitui uma novidade. Concebendo a educação como um processo largo e multiforme que se confunde com o processo de vida de cada indivíduo, torna-se evidente que sempre existiu educação de adultos. (CANÁRIO, 2008, p.11)

Primando pelo alinhamento ao conceito de aprendizagem ao longo da vida, bem como atuando em sintonia com os princípios da Gerontologia Educativa, as Universidades da Terceira Idade [UTIs] assumem feição protagonista, ao romperem, pela exemplaridade, com habituais e anacrônicos paradigmas, recorrendo à adoção de metodologias mais ajustadas ao reconhecimento e valorização dos idosos, por meio de ações que lhes propiciem a assimilação de informações, assim como de iniciativas de formação e aprendizagem, de modo que reúnem programações ofertando um leque de atividades interativas, culturais e científicas.

Antes as pessoas idosas eram geralmente rotuladas como inúteis, vistas como inválidas e, não raro, abandonadas à própria sorte e entregues a doenças. Hoje esse quadro vem mudando, as pessoas idosas procuram ter seus espaços como forma de interação e socialização e buscam, assim, a criação de novos hábitos, hobbies e habilidades, espaços em que as Universidades da Terceira Idade se colocam visando combater a exclusão e o isolamento social, além de oferecerem a aquisição de novos conhecimentos e a troca de experiências.

Assim sendo, considerando o conjunto de atividades que podem ser ofertadas a essa população, a literatura sobre a temática reconhece que as experiências acumuladas no decorrer dos anos têm comprovado resultados auspiciosos relacionados ao aumento da autoestima, da autoconfiança e, em consequência, da própria vontade de viver. Diante dessa perspectiva, foram tirados encaminhamentos da II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, realizada

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

no ano de 2002, em Madri na Espanha, recomendando o alargamento de práticas objetivando a promoção do envelhecimento ativo, tais como: (i) programas intergeracionais; (ii) Universidades da Terceira Idade; e (c) voluntariado.

No Brasil, nas décadas de 60 e 70, o Serviço Social do Comércio [SESC] foi o primeiro organismo a introduzir um programa com atividades recreativas e culturais voltado para pessoas mais velhas, os chamados Centros de Convivência para Idosos. O trabalho social com idosos constituiu um marco inicial da expansão da oferta de serviços voltados ao atendimento comunitário oferecido pelo SESC. Além disso, nos anos 70, o SESC passou a organizar as primeiras Escolas Abertas à Terceira Idade, o que terminou estimulando a criação no país de outras entidades e espaços dispostos a discutir ações educativas no processo de envelhecimento brasileiro.

No ano de 1982, a Universidade Federal de Santa Catarina [UFSC] criou o Núcleo de Estudo de Terceira Idade [NETI], uma iniciativa predecessora na exploração desse tipo de programa que contemplava características inerentes às Universidades da Terceira Idade.

Anos depois, em 1990, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas [PUCCAMP] colocou-se como uma das universidades precursoras nessa questão ao abrir um programa baseado nos modelos europeus de valorização dos idosos, focalizando o objetivo de propiciar às pessoas mais velhas um ambiente de aprendizagem em prol da cidadania, segundo a finalidade de estimular a ocupação ativa do tempo livre, realizar estudos e divulgar conhecimentos técnico-científicos na área de gerontologia.

Com a expressividade cada vez maior desse segmento na sociedade, em virtude do aumento da expectativa de vida, a criação desses espaços oportuniza o acesso continuado das pessoas idosas à cultura e à educação, além de outros benefícios que as Universidades da Terceira Idade podem oferecer. Nessa ambiência, as pessoas adultas de idade avançada exercitam a sua capacidade intelectual, bem como trabalham o lado emocional, a estimulação cognitiva e aumentam a sua autoestima, inegavelmente configurando um quadro de reconhecida mais-valia. Em última instância, é um processo de valorização que “atua sob o ponto educativo, com o intuito de remover estereótipos e promover o desenvolvimento, a aprendizagem e a participação social” (POCINHO & BELO, 2015, p. 157).

Regra geral, as atividades educativas ofertadas são realizadas sem que estejam sujeitas ao regime formal dos cursos regulares, mais atendendo ao propósito de contribuir para a integração social e o bem-estar das pessoas idosas. Todavia, como é comum em qualquer

outra etapa da vida, é indispensável não descuidar de manter a necessária motivação. A ideia não é acumular conhecimentos para usar depois, mas sim saber utilizar esse aprendizado para viver melhor e para alcançar uma maior qualidade de vida.

Com efeito, as evidências existentes são as de que as Universidades da Terceira Idade [UTIs] trazem contribuição para atenuar a depressão, evitar a solidão e a sensação de inutilidade, conforme alguns estudos ponderam. A esse respeito, observa Neri (1991, *apud* POCINHO, SANTOS, PAIS & PARDO, 2013) que as UTIs resultam em melhora significativa na condição de saúde das pessoas, ao oferecerem uma variedade de atividades que favorecem a motricidade, as funções cognitivas e intelectuais.

Convém lembrar que não chega a ser tão recente que algumas universidades brasileiras veem recepcionando e dando suporte ao oferecimento de atividades educativas voltadas para a população da terceira idade, tomando por referência as concepções teóricas e práticas surgidas na França, precisamente as experiências modelares iniciadas na *l'Université des Sciences Sociales de Toulouse*, sob a denominação "*l'Université du Troisième Âge*" (Universidade da Terceira Idade), fundada pelo professor Pierre Vellas, em 1973; em seguida, dois anos depois, em 1975, no campus da *l'Université de Lyon II - Université Lumière*, a professora Hélène Reboul, que coordenava o curso de Gerontologia Social, conduziu a organização da *l'Université Tous Âge* (Universidade de Todas as Idades).

Correntemente, vale aqui destacar, dentre os objetivos assumidos pelas Universidades da Terceira Idade cumpre o propósito de produzir, organizar e disponibilizar informações sobre o irremediável processo de envelhecimento que atinge o ser humano. No essencial, o que se persegue é internalizar o desenvolvimento de uma nova concepção de velhice, de um lado, buscando afirmar um entendimento atual, capaz de determinar novos comportamentos, os quais dissociem o processo de envelhecimento da solidão, da incapacidade e da dependência dos idosos; de outro, contribuindo com a superação dos preconceitos ainda presentes na sociedade em relação às pessoas idosas, vulgarmente relegadas à condição de seres que pouco ou quase nada podem trazer de socialmente produtivo. Conforme bem salientam Monteiro e Neto (2008, p. 52), a "Universidade da Terceira Idade representa uma estratégia preventiva da solidão ao criar espaços para o lazer e convívio".

Em suas programações, as UTIs oportunizam aos idosos a possibilidade de disporem de uma maior convivência social, através de passeios, jogos e leitura. Há também estímulo quanto à preservação da memória, o cuidar da espiritualidade e em manter a atenção com o próprio corpo. Ao lado disso, promovem pesquisas e organizam informações que favorecem a

produção de conhecimentos sobre o processo de envelhecimento, instigando a formação de profissionais que venham atuar nessa área da Terceira Idade. Desde 1975, com a finalidade de auxiliar a atuação dessas universidades, foi criado a *International Association of Universities of the Third Age* [AIUTA]⁴, com sede na Bélgica, que visa nortear o desenvolvimento das Universidades da Terceira Idade em todo o mundo.

Algumas universidades europeias da terceira idade, devido ao crescente número de pessoas idosas interessadas em participar, passaram a atuar incluindo alunos acima de 45 anos, desde que soubessem ler e escrever, enquanto outras aceitavam pessoas com idade acima de 60 anos com qualquer escolaridade, assim criando oportunidade de educação permanente também para esse segmento, regra geral antes destinada às pessoas mais jovens.

No Brasil o número de universidades voltadas para a terceira idade tem crescido continuamente, da mesma forma que os Centros de Convivência da Terceira Idade, fato este que oferece ampliadas oportunidades para a formação de novas atitudes e comportamentos dos idosos. A literatura que trata dessa temática destaca que os idosos buscam nesses Centros de Convivência formas de socialização e de melhoria da sua autoestima, além da busca de conhecimentos para conseguirem desenvolver uma melhor qualidade de vida.

A educação que é oferecida aos idosos, tem por fim ajudá-los a manter e estimular os níveis normais de desenvolvimento. São espaços para os idosos voltarem a refletir sobre a sua vida e para ampliarem seus objetivos, de modo a se sentirem ativos. Assim sendo, eles não visam ocupar o tempo ocioso e nem aprender conhecimentos que já foram vistos no decorrer dos anos. Debert (1999, p. 14) salienta que as “experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos e oferecem oportunidades para realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos”.

Sabidamente, as Universidades da Terceira Idade têm contribuído e influenciado positivamente na vida familiar de seus alunos, visto que em muitos lares o conflito intergeracional existe, ficando os idosos sujeitos a pressões extremas que ocasionam formas diversas de agressões, são exemplos: as físicas, o abandono e a violência por exploração financeira, além de outras nos quais as vítimas são pessoas idosas.

As experiências de atuação já acumuladas demonstram que as Universidades da Terceira Idade [UTIs] propiciam resultados com mudanças significativas na vida das pessoas

⁴ AIUTA é um órgão reconhecido pela ONU, OMS, UNESCO, Conselho da Europa e outras organizações internacionais.

que delas participam, tais como: o desenvolvimento de atividades recreativas; as novas amizades (que combatem o isolamento); o aumento de seus sentimentos de confiança e utilidade; a aquisição de conhecimentos que possam fomentar a sua capacidade cognitiva e ao mesmo tempo proporciona uma visibilidade maior às pessoas que estão envelhecendo, de forma a colaborar para o desenvolvimento de uma sociedade mais humana.

Não obstante a difusão rápida das experiências provenientes das Universidades da Terceira Idade, do sucesso que essa modalidade de educação permanente para adultos e idosos vem alcançando, em um cenário de expansão do processo de urbanização, ao mesmo tempo de envelhecimento da população, ainda são reduzidas as publicações sobre o alargamento dessas atividades em diversos países (MONTEIRO & NETO, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento demográfico presenciado no mundo atual é um processo contínuo que leva a humanidade a se defrontar com outro paradigma social, no qual o aumento da longevidade obviamente prenuncia alguns desafios. Ao mesmo tempo em que, de um lado, o sonho de viver mais representa uma inegável conquista, de outro, dado o expressivo crescimento da população idosa, esse novo contexto sociodemográfico remete à necessidade de políticas públicas especificadas, direcionadas para atender às demandas distintas originárias desse segmento populacional, bem como de iniciativas que instrumentalizem a sociedade para, em todas as faixas etárias, mais adequadamente lidar com essa realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Eustáquio Diniz; CAVENAGHI, Susana Marta. Indicadores de desigualdade de gênero no Brasil. **Mediações**, v.17, n.2, p. 83-105, 2013.

BRITO, Albert Marinho de. O uso das tecnologias pode fazer com que os idosos trabalhem melhor a região da memória e tomada de decisões. **Informática e a Terceira Idade**. Disponível em: <https://www.univcosa.com.br/uninoticias/noticias/informatica-e-a-terceira-idade>. Acedido em: 26 Mar.2018.

CANÁRIO, Rui. **Educação de adultos: Um campo e uma problemática**. Lisboa: Educa, 2008.

DEBERT, Guita Grin. **A Reivenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Fapesp, 1999.

LEAL, Luciana Nunes. A população idosa vai triplicar entre 2010 e 2050, aponta a publicação do IBGE. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,populacao-idosa-vai-triplicar-entre-2010-e-2050-aponta-publicacao-do-ibge,10000072724>. Acedido em: 20 Jun. 2017.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe.** Uma abordagem psicanalítica da velhice. São Paulo: Aleph, 1999.

MONTEIRO, Helena; NETO, Felix. **Universidades da Terceira Idade:** Da solidão aos motivos para a sua frequência. Legis Editora. 2008.

MORILLO, L. S. (2017). Brasil envelhece e é preciso se preparar cada vez mais cedo. **Jornal Nacional.** Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/01/brasil-envelhece-e-e-preciso-se-preparar-cada-vez-mais-cedo.html>. Acedido em 02 de janeiro de 2017.

POCINHO, Ricardo; SANTOS, Eduardo; PAIS, Alexandra; PARDO, Esperanza Navarro & Colaboradores. **Envelhecer Hoje:** Conceitos e práticas. Curitiba: Appris, 2013.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave.** 4 ed. Campinas: Alínea, 2014.